

O pintor e poeta galego Luís Seoane e o exílio

The Galicien painter and poet Luís Seoane and the exile

Andrés Pociña

Universidade de Granada
apocina@ugr.es

Palavras-chave: Luís Seoane, pintura, poesia, exílio franquista, Argentina.
Keywords: Luís Seoane, painting, poetry, Francoist exile, Argentina.

1. A modo de limiar

É com muito entusiasmo que me disponho a falar da figura excelsa do galego Luís Seoane (1910-1979), um pintor, um poeta, mas por cima de tudo um homem exemplar; com muito entusiasmo começo a falar, insisto, mas com muito medo. Há bastantes anos que sinto uma admiração sem limites por Seoane, manifestada mesmo em duas breves publicações minhas do ano 1994, quando lhe foi merecidamente dedicado o Dia das Letras Galegas¹; essa é a razão de que tenha lido com ansiedade não só a totalidade da sua obra, mas também uma boa parte dos estudos a ele dedicados, em que se salientam os de carácter individual ou coletivo publicados nesse ano de 1994 em que Galiza comemorou e homenageou esta grande figura (AA.VV., 1994; Alonso Montero, 1994a; Alonso Montero, 1994b; González Fernández, 1994; Pozo Garza, 1994). Esse amor, talvez paixão, pela pessoa de Seoane, somados à imensa admiração pela sua pintura, fazem-me pensar que a meia hora de que disponho vai ser muito pouco tempo para tudo o que queria dizer; porém, conformar-me-ei se conseguir refletir a imagem dum homem exemplar, num tempo em que tanto precisamos de mulheres e homens exemplares, sobretudo nos âmbitos da vida pública; um homem que viveu a maior parte da sua vida no exílio, muito longe da sua terra, o qual não empecu a que se convertesse em uma figura de honra para o país do que foi exilado, a Galiza, e para o país que o acolheu no exílio, a Argentina.

¹ A. Pociña, “Saúdo andaluz para Luís Seoane” e “Lembrando a Seoane en Granada (17 de maio de 1994)”, reunidas posteriormente (Pociña, 1998, pp. 115-123; Pociña, 1998, pp. 125-139).



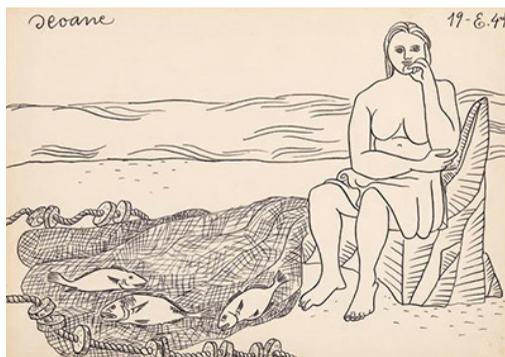
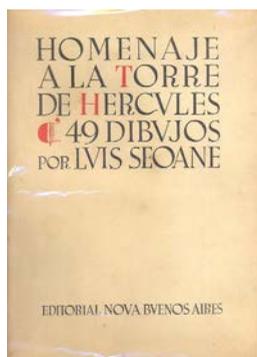
2. Algumas notas sobre Seoane pintor

Como poderíamos fazer uma primeira “figuração”, ou desenho em poucas palavras, técnica na que ele foi sempre mestre (Cf. Seoane, 1994)? Provaremos com as suas palabras: Seoane presentava-se deste modo singelo:

Nacín, fillo de emigrantes, en Buenos Aires, no ano 1910. Fun á escola na Coruña. Fíxenme licenciado en Dereito en Santiago. Fun abogado até 1937. Son pintor.

Nestas poucas palabras fica dito quase tudo, se bem que de uma forma por demais concisa. Fica dito, sim, que nasce em Buenos Aires, fillo de emigrantes, mas não está dito que seus pais, Luís Seoane Brocos e María López Mosquera, eram uma trabalhadora e um trabalhador galegos que, como tantos milheiros de mulheres e homens, tiveram que ir à Argentina à procura do pão de cada dia, e, mais ainda, amealhar os pesos precisos para retornar depois à Corunha e dar-lhes uma instrução aos seus três filhos. Luís, que vem a Galiza à idade de seis anos, embora mais tarde venha a passar uma parte muito grande da sua vida exilado na sua cidade natal de Buenos Aires, terá sempre a emigração como um dos temas principais da sua pintura e da sua poesia.

Assinala depois Seoane, na sua breve apresentação, que estudou na Corunha e que se formou em Dereito em Compostela. Mas o que não diz é que alterna os seus estudos na Faculdade com uma imensa atividade nos grupos mais progressistas dos estudantes daquele tempo, ocupando vários cargos na F.U.E. E também não diz que desde muito jovem dedica-se a algo que vai ser fundamental ao longo de toda a sua vida, é dizer, à ilustração de livros: no ano 1932 ilustra *Mar ao norte* de Álvaro Cunqueiro, em 1933 *Poemas do si e non*, do mesmo autor, e *Corazón ao vento* de Aquilino Iglesia Alvariño. Trata-se dum aspecto muito particular da sua criação artística que começa muito novo, quando estuda em Santiago, mas que acabará por ser muito importante na sua vida no exílio bonaerense; e interessa-me sublinhá-lo, tanto pelo aspecto artístico das edições, quanto pela natureza mesma dos livros que ilustra, e, sem dúvida, pelos seus autores. Vou lembrar alguns exemplos.



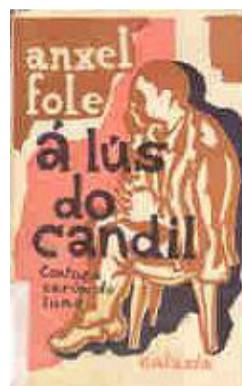
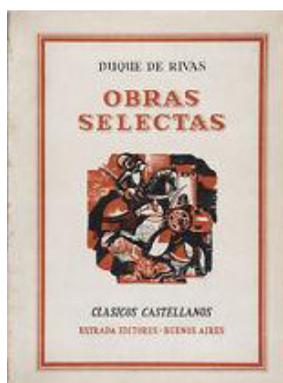
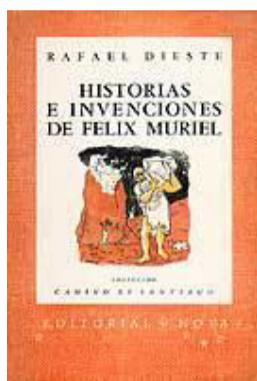
Um livro famoso é aquele que se intitula *Homenaje a la Torre de Hércules* ([Seoane], 1944), em realidade uma edição de 49 desenhos de Seoane, publicados em Buenos Aires em 1949, com um Prólogo do grande escritor e amigo de Seoane, Rafael Dieste. O volume foi selecionado em 1945 pelo Instituto de Artes Gráficas de Nova Iorque e pela Pierpont Morgan Library como um dos melhores publicados no mundo inteiro entre 1935 e 1945, e convém lembrar que outro dos que foram escolhidos para aquela ocasião fora nada menos que a *Historia Natural* de Buddón, ilustrada por Pablo Picasso. Na mais recente publicação sobre Seoane, Carlos L. Bernárdez comenta com bom juízo sobre esta obra, pioneira na criação pictórica do nosso autor:

Homenaje a la torre de Hércules é un volume de debuxos en que a liña clasicista se pon ao servizo xa duns temas que serán recorrentes na súa obra ao longo de toda a súa vida e que se constituíen nunha das chaves de toda a súa produción do exilio: a evocación da terra deixada alén mar e o universo feminino. Galiza agroma como territorio soñado, elemento patente en especial nas saudosas faces de mulleres pensativas, deitadas e moitas veces espidas. Figuras e espazos que teñen un ar primixenio entre paraíso terreal bíblico e Arcadia clasicista. O mar, fondo dominante dos debuxos, delinéase como unha fronteira, como un ámbito para o soño, sen deixar de aparecer como unha barreira enre dous mundos distantes, separados pola ausencia, a memoria e a crúa realidade do exilio provocado pola Guerra Civil. (Bernárdez, 2016, pp. 18-19)

Um livro projetado em 1945, mas que não chegou a ver editado Seoane, consistia numa edição de cinco autos de Gil Vicente, que iriam ilustrados com vinte-e-seis formosos desenhos, alguns deles a cores, pintados em Buenos Aires nesse ano. O livro foi objeto duma formosíssima edição de bibliófilo, feita na Galiza quarenta e um anos mais tarde, em concreto em 1991, por Ediciós do Castro (Vicente & Seoane, 1991). Os Autos editados são *Auto em Pastoril Portuguêz*, *Auto da feira*, *Auto da Barca do Purgatório*, *Auto da Barca do Inferno*, *Auto da Cananéia*. Ainda que não tenha chegado a termo a edição que projectava Seoane, a ideia é mostra óbvia do espírito que animava as suas incessantes atividades no exílio argentino, sem esquecermos, neste Congresso que nos reúne em Aveiro, o grande amor por Portugal que sempre tiveram os mais importantes escritores

da Xeración Nós, e os grandes do exílio em Argentina e em México, e que deles herdámos e com eles compartimos os galegos em geral².

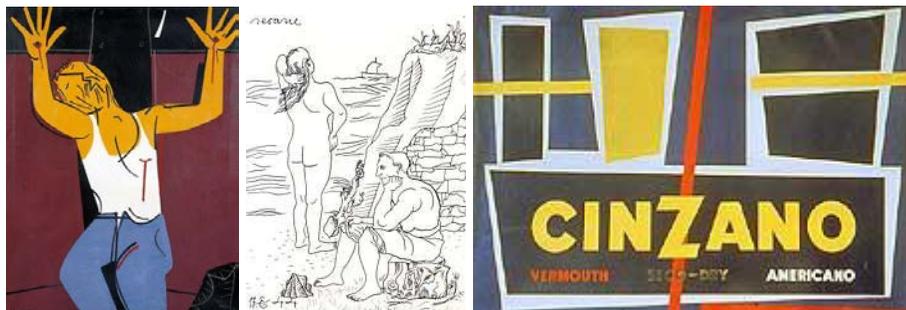
Contam-se por centos os livros de autores e autoras, galegos e não galegos, publicados, primeiro em Espanha, antes da sublevação militar contra a República e o conseqüente exílio imediato de Seoane, depois, durante o exílio em Buenos Aires, e mais tarde aqui e ali, com capas e ilustrações de interior deste artista singular. Desde Andaluzía, onde escrevo estas páginas, é de justiça recordar obras de Rafael Alberti, outro ilustre exilado e grande amigo de Seoane, como lembrarei mais adiante, e de Federico García Lorca, nunca esquecido no exílio; baste com nomear, a modo de exemplo, a formosa edição de *¡Eh, los toros!*, de Alberti (Alberti & Seoane, 1942), publicada por Emecé de Buenos Aires em 1942; a edição de *Sobre los ángeles*, também de Alberti (Alberti, 1962), em Buenos Aires em 1962; a edição de *Las peregrinaciones de Teresa*, de María Teresa León (León, 1950), Buenos Aires, 1950; *Canciones y Poemas* de Federico García Lorca, Buenos Aires, 1965 (García Lorca & Seoane, 1965); etc. O número de livros e autores é imenso. A beleza das ilustrações que levam é surpreendente.



De uma perspectiva mais geral, o significado da pintura realizada por Seoane ao longo de toda a sua existência, nos tipos mais variados (gravados, desenhos, ilustrações de livros, retratos ou figurações, cartazes de propaganda, cartazes políticos, óleos, murais, tapizes...), nem sequer pode resumir-se aos limites duma dissertação. Por isso a ninguém surpreenderá se eu lembrar que obras pictóricas dele acham-se em galerias e museus da América e da Europa, por exemplo no Museu de Arte Moderna de Nova Iorque, no Metropolitan Museum da mesma cidade, na Biblioteca do Congresso de Washington, no Museu Nacional de Belas Artes de Buenos Aires, nos Museus municipais ou provinciais das mais importantes cidades da Argentina (Bahia Blanca, Córdoba, Corrientes, La Plata, Mar del Plata, San Juan, Salta, Santa Fe, Tucumán...), evidentemente também no Museu

² Na edición de 1991 foi fundamental a iniciativa da viúva de Seoane, dona María Fernández de Seoane. O texto que se edita, ignorando o que tería empregado Seoane, é o da *Copilaçam de todas as obras (1562)*, editada por Maria Leonor Carvalho Buescu, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

Reina Sofía de Madrid, nos principais museus da Galiza, e de modo especial, no Museu Carlos Maside, fundado por Isaac Díaz Pardo e pelo próprio Seoane, como também na Fundação Luís Seoane da Corunha.



Apesar disso, a incessante atividade pictórica, literária, editorial, cultural, que exerce nos anos do exílio em Buenos Aires não o afasta da preocupação pelo desenvolvimento cultural na Galiza abatida pela ditadura: quando retorna do exílio, nos anos 60, funda com esse grande propulsor da cultura galega nos tempos ominosos da desfeita fascista que foi Isaac Díaz Pardo, e com a colaboração de outros grandes galegos que também sofreram o exílio, os escritores Lorenzo Varela e Rafael Dieste, ambos muito amigos de Seoane, o “Laboratorio de Formas de Galicia”, do que surgirão em seguida a Fábrica de Sargadelos e o Museu Carlos Maside. Na magna obra *Mostra antolóxica* que se organizou sob o patrocínio da Câmara Municipal da Corunha em 1989, para comemorar o décimo aniversário da morte de Seoane, Díaz Pardo, num precioso artigo titulado “O significado da obra e da vida de Luis Seoane”, resume deste modo a sua colaboração nesta empresa que tanto significou para a recuperação da Galiza ainda submetida:

No 63 cofunda o Laboratorio de Formas de Galicia, no que imos colabora-los dous co arquitecto Andrés Fdez. Albalat. O Laboratorio de Formas tentará recupera-la memoria histórica da Galiza, e de acordo co seu proxecto vai crear o Museo Carlos Maside, as Edicións do Castro, e a restauración da actividade en Sargadelos. Tamén a criazón doutras entidades de investigación, información e comunicación nas que colaborará coa Fundación Penzol. O L. F. leva tamén nos seus proxectos a restauración de entidades públicas da cultura galega que se perderan na guerra civil, tal o Seminario de Estudos Galegos. Cando Sargadelos inaugura a súa planta circular en 1970, cun Seminario de Deseño Industrial a nivel Nacional, Seoane deixa abraiadados a todos, co seu saber e a súa finísima ironía... (Díaz Pardo, 1989, p. 48)

Muitíssimas vezes, quando a gente contempla algumas das peças mais curiosas e formosas da cerâmica de Sargadelos do nosso tempo, talvez sem sabê-lo está admirando desenhos e debuxos feitos por Luís Seoane.



Para resumir, arrisco-me a dizer que estamos diante do artista mais excelso da Galiza do século XX, que sempre teve como alicerce da sua obra, quer da feita no exílio, quer da feita na sua terra, o amor à Galiza. Um dos seus maiores amigos, o poeta Lorenzo Varela (1916-1978), outro exilado, quando publica em 1954 um dos seus melhores poemarios, *Lonxe* (Varela, 1954)³, começa-o com esta dedicatória: *A Maruxa e Luis Seoane, fiestas: si se olla pra fora, o mundo, si pra dentro Galiza*. Contadas palavras que definem perfeitamente a realidade humana de Seoane, um artista exilado, com Galiza no coração. Penso que ninguém soube conhecer e explicar a unidade intrínseca que há entre a vida e a obra de Seoane como Lorenzo Varela, e sem dúvida um texto seu, publicado em Buenos Aires em 1948⁴, deixaria sem razão de ser tudo quanto eu pudesse dizer em páginas e páginas; estas são as razões que me movem a reproduzir a sua “Presentación de Luis Seoane”, feita para uma das primeiras exposições de Seoane no exílio, provavelmente em 1945⁵:

Pertenece Luis Seoane al reducido número de los mejores espíritus de mi generación, a aquellos que en nuestra jerga juvenil, la de siempre, considerábamos de “la gran línea”, “lleguen o no”. En una palabra, formaba parte “de los fieles”. Será difícil encontrar reunidos, tanto escepticismo y tanto fervor a la vez, como los que, de algún modo, se manifestaban en cada uno de aquellos jóvenes, todavía mozos hoy, pero marcados por el hierro de la derrota, enfermos de lejanía, dolidos de ausencia, tristes por los más alegres recuerdos. Y, sobre todo, viviendo de memorias a tan temprana edad. No de memorias en parte recogidas en obra, como las generaciones anteriores, sino de memorias desnudas. Apenas si unos endecasílabos perdidos ya o unos dibujos burlones, o el proyecto de una novela sin iniciar, habían tocado su casi virginidad. A este le había elogiado Juan Ramón un artículo, al otro lo buscaba Pedro Sali-

³ Há reedição in L. Varela, *Poesía*, Sada – A Coruña, Ediciós do Castro, 1979, pp. 157-201 (a edição da obra completa, em dois volumes, realizada por X. L. Axeitos (Biblioteca do exilio, Ediciós do Castro, 2000), tem um texto muito acurado, mas é pena que não contém as ilustrações de Seoane com que foram publicados quase todos os seus livros em Buenos Aires).

⁴ Refiro-me ao titulado “Luis Seoane” (Varela, 2000); trata-se de um texto clarificador em muitos aspetos, impossível de resumir nestas páginas, mas do qual não me resisto a copiar um breve pedacinho: *Luis Seoane pinta lo que le sale de la memoria, una memoria aprisionada y apasionada, en cárcel de amor, hechizada por aquellas intuiciones del tiempo, de que hablábamos, en el único espacio acorde con su alma: Galicia. Para él ese espacio es la figura del Tiempo. No concibe las horas del destino en cualquier parte, sino en una determinada. Las horas tienen siempre una cara* (p. 149).

⁵ Ver a nota de X. L. Axeitos (Varela, 2000, p. 171), de onde tomo também o texto.

nas por Madrid para elogiarse una nota, de los dibujos y la chispa de Seoane hablaba Lorca tras un viaje a Santiago de Compostela. Por estar prendido en el medioevo compostelano, muchos no conocíamos todavía la figura de este que “...de espalda podría ser el capitán, pero de frente y visto el rostro más parece el grumete, comenzó grabando lunas y flores en el mástil con una navaja, y luego las rizadas y tritones, y todos los ensueños y cifras del zodiaco”, tal como recientemente, en un bello prólogo, lo describió Rafael Dieste. Pero ya conocíamos las trenzas y lazos de sus dibujos, las barcas con irónicos y tiernos nombres populares, y sus cárceles y destierros parciales, preludio de esta libertad ajena que América o Europa nos regalan para hacernos olvidar un destierro que ciertas noches – inevitablemente- nos parece definitivo.

Y por haber salido de España con la obra por hacer, carece esta generación en el destierro de esos precedentes que tanto ayudan, principalmente, claro está, ese precedente inestimable que consiste en la seguridad de ejecución que tiene el artista o el escritor cuando ya realizó una obra mayor, de cierta madurez de oficio. Apenas ejercitada el alma en tal mundo plástico o literario, cuando el trasplante fatal obliga, fuerza a los huesos a buscar alimento en una memoria inmensamente rica por una parte, pero poco seleccionada todavía, poco trabajada, de temibles torbellinos que la imaginación, exasperada, hacía aún más peligrosa.

3. Luíis Seoane, poeta

A unidade esencial da creación artística é unha idea que sempre teve clara e sempre defendeu Luíis Seoane na súa ideoloxía e na súa produción: con efecto, en 1962, num artigo titulado “Acerca de la integración de las Artes” (Seoane, 1962), insiste no feito de que, na poesía, ele teima facer com as palabras o mesmo que nos quadros e nos desenhos faz com as linhas e cores. A súa obra vem sendo una demonstração exemplificada do antigo dito clásico *ut pictura poesis...* O certo é que, salvo contadas exceções, o tema dos seus desenhos, das suas pinturas e das suas poesias, que são a parte que agora nos interessa do muito que escreveu e publicou, resulta sempre constante: por fortuna, temos declaração própria sobre a súa poética (Fernández del Riego, 1955, pp. 229-230)⁶:

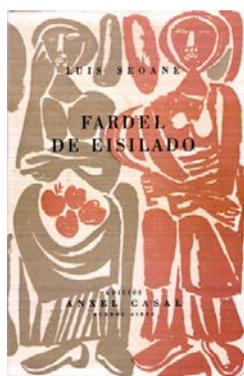
Quixera facer unha obra – penso non tanto no que escribo como no que pinto – que non somente tivese que ver cos elementos da natureza, senón que fora ó mesmo tempo un alegato polo home, polo home galego, que é un xeito de que o sexa polo home universal, e por Galicia, coma fixeron Pondal, Rosalia, Curros, e cantos poden seren clasificados como precursores, independentemente da técnica que tivesen empregado e da beleza formal da súa obra. Aínda que esto xa se dixó, convén repetilo para aqueles que o esquecen... Un poema non pode ser soio un prisma de cores, un xeito de xuntar verbas fermosas e producir sonidos; é o berro dun home, o esgazamento que producen no seu espírito os feitos do pasado trocado en eternidade, en mito...

⁶ [Autopoética]. Pode ver-se também em *Luíis Seoane (1910/1979). Días das Letras Galegas 1994*. Vilagarcía: Xunta de Galicia, 1994, pp. 172-173.

Seoane começou cultivando a narrativa em castelhano, com *Tres hojas de ruda y un ajo verde* (Seoane, 1948)⁷, e em prosa tem também muitos ensaios, dos que se salienta um grande número sobre temas literários e artísticos, escritos para o programa radiofónico “Galicia emigrante”, que se emitia em Buenos Aires e no que colabora nos anos 1954 e 1971. Em teatro compôs três peças: *La soldadera*, que publicou em 1957 (Seoane, 1957b)⁸, mas que compusera em galego no ano anterior; *El irlandés astrólogo*, 1959, também em castelhano (Seoane, 1959b)⁹; *Esquema de farsa* (Seoane, 1957a)¹⁰. Porém, a parte da sua obra literária que lhe produzia mais grade satisfação era a poesia.

Os versos de Seoane publicam-se em quatro livros, todos eles de curta extensão, em Buenos Aires, todos quatro com capa e gravados feitos pelo autor; são, por ordem cronológica de edição:

- Fardel de eisilado*, 1952 (Seoane, 1952).
- Na brétema, Sant-Iago*, 1956 (Seoane, 1956).
- As cicatrices*, 1959 (Seoane, 1959a).
- A maior abundamento*, 1972 (Seoane, 1972)¹¹.



Um dado que convém salientar é que das quatro editoriais distintas que publicaram estes livros de versos, todas menos a primeira foram criadas na capital da Argentina por Luís Seoane, e todas o foram pensando na Galiza¹² e na literatura que estava a produzir-se no exílio, galega e não galega. E pensando na sua

⁷ Há ed. facsimilar da 1ª (Buenos Aires, 1948): Sada – A Coruña: Edicións do Castro, 1996.

⁸ Sobre o teatro de Seoane, cf. Palmás, 1994.

⁹ Há uma ed. bilingue, com trad. ao galego de F. Pillado Mayor, *O irlandés astrólogo*, Sada – A Coruña, Edicións do Castro, 1980.

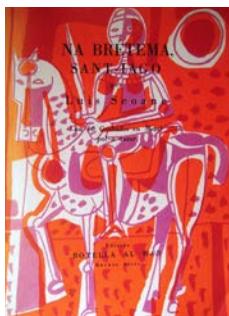
¹⁰ Também em “Esquema de farsa. Cara un teatro Popular Galego”, *Cadernos da Escola Dramática Galega* 11, 1980.

¹¹ Os quatro livros foram publicados na Biblioteca das Letras Galegas de Edicións Xerais de Galicia, em dois volumes preparados por Beatriz Eiroa e Concepción Moure: L. Seoane, *Fardel de eisilado. Na brétema Sant-Iago. Poesía completa, 1*, Vigo, 1989; *As cicatrices. A maior abundamento. Poesía completa, 2*, Vigo, 1990.

¹² Um estudo muito bem documentado sobre a criação de editoriais em Buenos Aires por Seoane pode ver-se em Trapiello, 1989.

própria poesía, lembrarei sobretudo duas notas salientáveis na sua poética, uma tocante ao conteúdo, outra à língua empregada.

O tema esencial já o recordava Seoane nessas palabras que citei há pouco: o homem, palabra com a que abrange de modo um pouco impróprio homens e mulheres, mas o homem da Galiza, que é o que lhe toca sofrer mais diretamente; isso sim, pensando que lutar pelo homem galego é lutar, na medida das suas posibilidades, pelo homem universal. A poesía de Seoane é, portanto, poesía de denuncia e poesía de luta, na sua totalidade. Pode gostar ou não, mas é preciso julgá-la sempre desde a conceição poética do autor, que amiúde foi muito transparente e jamais enganou sobre esta particularidade na sua vida e na sua obra.



A língua é quase sempre o galego, não obstante se ter publicado a totalidade dos seus libros de versos por primeira vez em Buenos Aires. Seoane mostra ao longo de toda a sua vida um galeguismo linguístico militante, que tem como nota fundamental a defensa da língua galega. Vou lembrar três textos seus sobre este assunto, que se calhar ainda podem servir de lição nos nossos dias:

1. O bilinguismo rexe en moitos países civilizados do mundo, en Bélxica, en Gales, en Canadá, en Noruega, en Sudáfrica, en Irlanda. En Suiza son co-oficiais os seus catro idiomas [...] Só en España onde se falan catro idiomas se mantén o difícil problema de que un só domine os outros tres, creando unha situación de inferioridade á terceira parte da poboación.
2. Fóra de Galicia os fillos de galegos non deben de coñece-la existencia do idioma dos seus pais nas Facultades de Letras, onde é forzoso que estudien a espléndida eclosión da súa lírica medieval. Deben aprendelo no fogar, na vida diaria, coas limitación naturais dun idioma perseguido á marxe do ensino e da administración.
3. Temos necesidade, ademais, de que ninguén, fillo de Galicia, renegue del en nome dunha cortesía que ninguén lle agradece, e tampouco por razóns políticas, pois o galego non é o idioma dun partido, que o saiban dunha vez por todas, senón dun pobo (González Fernández, 1994, pp. 76-78)¹³.

O primeiro libro de versos de Luís Seoane remonta nada menos que ao ano 1952, quando na Galiza, na España, regem os insuportáveis anos de uma dita-

¹³ “A ideoloxía lingüística de Seoane”

dura fascista que, em contra do que pensavam e esperavam muitos e moitas no exilio, aínda vai durar anos e anos. *Fardel de eisiliado* era o título da obra, evidentemente non publicábel nesta beira do Atlántico. Como assinala con acerto Luz Pozo Garza, cando sai o libro en Buenos Aires, “a Galiza dos anos 50 está na liña da poesía de signo existencial”, enquanto *Fardel de eisiliado* “da fe da condición de emigrante galego, do seu desarraigo e desanimo”; e nel “se denuncian as cousas dese fenómeno colectivo que obriga ó noso pobo á dispersión” (Pozo Garza, 1994, p. 10); a grande poeta, no seu estupendo estudo sobre a poesía de Luís Seoane, insiste na idea de que “esta liña de compromiso social que inicia en Buenos Aires Luís Seoane, non atoparía resonancia na Galicia literaria ata os anos 60” (p. 11).



Non vou facer máis comentarios: a poesía de Seoane fala por si propia, igual que os seus deseños e as súas pinturas. Portanto, remato a minha achega a ele con o seu primeiro poema desta obra inicial, que non por casualidade leva por título “O pintor eisiliado”, e comeza por unha citação de catro versos de outro exilado moi querido por ele, Lorenzo Varela:

*“¿Y cómo van a desterrarme entero,
si es mi cuerpo figura de tu polvo,
si mis huesos son barro de tus eras
y la sal de tu mar está en mi piel?”*

LORENZO VARELA

Ao pintar lembran seus ollos ensimesmados o ar gris da lonxana montaña
o vento norte marmuriador cor de aceiro, as formas das uces marteadas, a braña,

as boullosas verdes carballeiras, os ríos, as lombas azures encostadas
sobor dunhas vizosas terras, ocres ou negras, decote traballadas.

Aos homes e mulleres ollando, sen ver cicais, abalarse a dorna ca ondaxe
na mar, fronte ás bruidosas vagas, de costas ao rudo paisaxe.

tratando de descubrir algún resto dos fadados países de emigrados
após da liña do hourizonte, coma antigas estatuas romanas barados.

Cando caviloso vai lixando co pincel a branca tea de liño
ó seu acordo veñen as cores rosas da nenez, o risco solermiño

dunha arredada imaxen familiar esquecida, dun labrego enrugado,
dunha xurdia leda muller que algún día viu traballar nun eirado,

levar un neno no colo, ou sobor do regazo ter froitas madurecidas,
depelcando frienta patacas ao quecer do lar, nas longas noitecidas,

ouvindo do chuchado avó as historias dos franceses, as lendas antigas,
ou dándolle ao chagado moicante tres mazorcas de millo e unhas migas.

Acarón del está un picariño desguedellado que rilla unha mazán.
O lobo senlleiro oubea de fame no monte, e, cun peite de ouro na man,

unha fermosa fada loira peitea os alongados cabelos á entrada da cova.
Tamén veñen ao acordo do pintor o vello, compañeiro rinchón da corcova

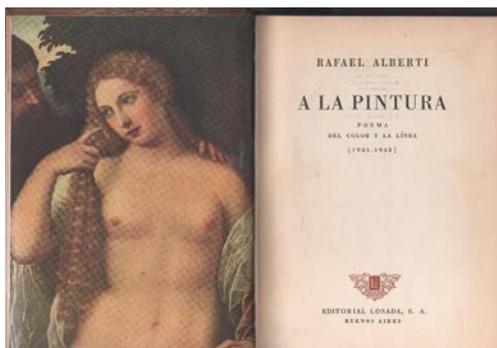
e as abrotadas cabalgadas OJI non camiños que levan ás feiras e ás romerías,
con ringleiras de eibados e de pedintes, de lonxe vidos nas vespérias.

Na súa testa reméxense as formas, as lembranzas da lus e das cores da terra
lonxana,
neste país desvariado ao da súa mocidade, onde vive unha realidade estrana.

4. Final

O galego foi tradicionalmente un povo agrícola e pescador, não industrializado, que precisou por séculos de recorrer à emigração a outras terras, de Espanha, da Europa, da América, para sobreviver. A emigração enche muitas das melhores páginas da literatura galega. Mas uma cousa é a emigração, outra muito diferente o exílio; da primeira pode-se falar com emoção, pois claro, mas com objetividade; do exílio só se pode falar com furor, com raiva, com nojo. Luís Seoane nascera em Buenos Aires por emigração de seu pai e de sua mãe, mas depois teve de passar ali uma boa parte da sua vida fugindo da ditadura que assolou Galiza e Espanha por quarenta anos do século XX, com a conseguinte desfeita em todas as ordens da vida, da que ainda agora continuam a notar-se as pegadas. Por isso, falar da vida e da obra de Seoane, um exemplo singular de exilado, não se pode fazer com mera objetividade, senão com muita emoção, com muito amor.

Eu não tive a fortuna de conhecer Luís Seoane; conheci por contra outro exilado ilustre da poesia espanhola, Rafael Alberti, e mesmo tive a fortuna de falar algo com ele, ainda que nem tanto, quanto teria gostado. Acabo, pois, pondo nas palavras do poeta andaluz o louvor do poeta galego, a quem conheceu e de quem foi muito amigo em Buenos Aires, cidade que nós, os galegos e as galegas, chamamos a maior cidade da Galiza:



Luis Seoane (Índice para un poema)

Un color finisterre, golpeado.
 Ojo que sueña el mar,
 color mojado.
 Un pincel que se hiere,
 que hasta rompe a llorar,
 y hasta se muere.

Por los caminos de neblina,
 violeros,
 gaiteros,
 perros y santos pordioseros.
 Una aldea vela en la retina.
 Colores
 con músicas y danzas de romeros,
 playas serias de pescadores.

El cántaro es de amor,
 la patata, el pimiento,
 la botella y el mozo que se lleva la flor.
 Y la lluvia y el viento.
 (La lluvia, sí, pintor,
 ese constante

pañuelo popular
 que ya lava o deslava tu color.)

Quema, distante,
 el lar
 un canto de emigrante.

Y siempre, en tu paleta,
 una nostalgia quieta.
 ¡Y el mar!¹⁴

¹⁴ Poema de 1951; cf. Pociña, 1998, p. 122.

Referencias bibliográficas

- AA. VV. (1994). *Día das Letras Galegas 1994. Luís Seoane*. Santiago de Compostela: Universidade.
- Alberti, R. (1962). *Sobre los ángeles*, con grabados de madera de Luis Seoane. Buenos Aires: Losada.
- Alberti, R. & Seoane, L. (1942). Alberti, R. ¡Eh, los toros! // Seoane, L. *7 grabados en madera*. Buenos Aires: Emecé Editores.
- Alonso Montero, X. *As palabras no exilio (Biografía intelectual de Luís Seoane)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia.
- Alonso Montero, X. (Coord.) (1994). *Luís Seoane (1910/1979). Días das Letras Galegas 1994*. Vilagarcía: Xunta de Galicia.
- Bernárdez, C. L. (2016). *Un pintor que sabía o que facía. Achegas á obra pictórica de Luís Seoane*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento.
- Díaz Pardo, I. (1989). O significado da vida e da obra de Luis Seoane. In *Luís Seoane. Mostra antolóxica* (pp. 33-56). A Coruña: Consellería de Cultura e Deportes / Concello da Coruña.
- Fernández del Riego, F. (1955). *Escolma de poesía galega, IV. Os contemporáneos*. Vigo: Galaxia.
- García Lorca, F. & Seoane, L. (1965). *Canciones y Poemas. Dibujos de Federico García Lorca y grabados en madera de Luis Seoane*. Buenos Aires: Qualiton (Imprenta López).
- González Fernández, H. (1994). *Luís Seoane: vida e obra*. Vigo: Editorial Galaxia.
- León, M. T. (1950). *Las peregrinaciones de Teresa*. Buenos Aires: Editorial Botella al Mar.
- Palmás, R. (1994). Luís Seoane e o teatro. In Alonso Montero (Coord.), *Luís Seoane (1910/1979). Días das Letras Galegas 1994* (pp. 151-164). Vilagarcía: Xunta de Galicia.
- Pociña, A. (1998). *Galicia e Granada: dous cabos dun eixo espiritual*. Sada - A Coruña: Edicións do Castro.
- Pozo Garza, L. (1994). *Galicia ferida (A visión de Luís Seoane)*. Sada - A Coruña: Edicións do Castro.
- [Seoane, L.] (1944). *Homenaje a la Torre de Hércules. 49 dibujos por Luís Seoane*, Prólogo de Rafael Dieste. Buenos Aires: Editorial Nova (ed. facsimilar, AA Coruña, Edicións do Castro, 1989, publicada pela Câmara Municipal da Coruña com motivo do décimo aniversario da morte de Seoane).
- Seoane, L. (1948). *Tres hojas de ruda y un ajo verde o Las narraciones de un vagabundo* (con ilustraciones de L. Seoane). Buenos Aires: Ediciones Botella al Mar.
- Seoane, L. (1952). *Fardel de eisilado*. Buenos Aires: Ediciones Ánxel Casal.
- Seoane, L. (1956). *Na brétema, Sant-Iago*. Buenos Aires: Ediciones Botella al Mar.
- Seoane, L. (1957a). Esquema de farsa. *Galicia emigrante*, 31, 1-3.
- Seoane, L. (1957b). *La soldadera*. Buenos Aires: Ed. Ariadna.
- Seoane, L. (1959a). *As cicatrices*. Buenos Aires: Citania.
- Seoane, L. (1959b). *El irlandés astrólogo*. Buenos Aires: Ediciones Losange.
- Seoane, L. (1962). Acerca de la integración de las Artes, *Revista de la Universidad de Buenos Aires*, 7.4, pp. 595-608.
- Seoane, L. (1972). *A maior abundamento*. Buenos Aires - A Coruña: Ediciones Cuco-Rei.
- Seoane, L. (1994). *Figuracións. Debuxos e textos publicados en La Voz de Galicia (1971-1977)*. La Coruña: La Voz de Galicia.
- Seoane, L. Trapiello, A. (1989). Os prelos de alén mar. In *Luís Seoane. Mostra antolóxica* (pp. 57-70). A Coruña: Consellería de Cultura e Deportes / Concello da Coruña.
- Varela, L. (1954). *Lonxe*. Poesía, Con 10 grabados en madeira de Luis Seoane. Buenos Aires: Ed. Botella al Mar.
- Varela, L. (2000). Luis Seoane. In L. Varela, *Ensayos, conferencias y otros escritos*. Edición de X. L. Axeitos (pp. 143-152). Sada - A Coruña: Edicións do Castro.
- Vicente, G. & Seoane, L. (1991). Vicente, G. *Auto em Pastoril Portugués, Auto da feira, Auto da Barca do Purgatório, Auto da Barca do Inferno, Auto da Cananeia* // Seoane, L. *Vinteseis debuxos para cinco Autos de Gil Vicente feitos en Buenos Aires no ano 1945*. Sada - A Coruña: Edicións do Castro.

Resumo

Luís Seoane (Buenos Aires 1910 - A Corunha 1973) apesar de ter nascido em Buenos Aires, morou desde a infância na Galiza, destacando-se de muito cedo pela sua ideologia e atividade política na Corunha, onde se exercitou na advocacia (no campo da judicatura do trabalho), e na política, enquanto membro do Partido Galeguista. Depois de a Guerra Civil ter deflagrado, Seoane exiliou-

-se em Buenos Aires, onde desenvolveu uma ativa carreira de pintor e escritor. Figura notabilíssima do exílio, espanhol e galego, em vários países da América, e de modo muito especial na Argentina, no México, Venezuela e Cuba, será do surpreendente labor pictórico, e da poesia em galego, de Seoane, que nos ocupamos no presente trabalho.

Abstract

Luís Seoane (Buenos Aires 1910 – A Corunna 1973), in spite of being born in Buenos Aires, lived since his childhood in Galicia, being very early in his ideology and political activity in A Coruña, where he practiced law (in the field of labour judiciary), and in politics, as a member of the Galician Party. After the Civil War broke out, Seoane went into exile in Buenos Aires, where he developed an active career as a painter and writer. In the present research, we will focus on Seoane as a most notable figure of Spanish and Galician exile in several countries of America, and especially in Argentina, Mexico, Venezuela and Cuba, and his surprising pictorial work and poetry in Galician.